

XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

A revista Veja e a construção da hegemonia neoliberal no Brasil: a ideologia da globalização.

Souza da Silva, Carla Luciana (Univesidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil).

Cita:

Souza da Silva, Carla Luciana (Univesidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil). (2007). *A revista Veja e a construção da hegemonia neoliberal no Brasil: a ideologia da globalização*. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-108/226>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Eu, Carla Luciana Souza da Silva, Professora Doutora do Curso de História e do Mestrado em História da UNIOESTE – Brasil, autorizo a publicação do texto A revista Veja e a construção da hegemonia neoliberal no Brasil nos Anais das XI JORNADAS INTERESCUELAS / DEPARTAMENTOS DE HISTORIA, que ocorrerão em Tucuman, 19 al 21 de septiembre de 2007. O texto faz parte da Mesa Temática Abierta: Historia /periodismo / comunicacion. Interdisciplina? Problemáticas y articulaciones en discusion.

Dirección: Calle Pernambuco, 1777, Marechal Candido Rondon, Paraná, Brasil.
CEP 85.960-000

55. 45. 3254.5800; fax 3284.7878, carlalssilva@uol.com.br

A revista *Veja* e a construção da hegemonia neoliberal no Brasil: a ideologia da “globalização”

Carla Luciana Silva*

A pesquisa é uma reflexão sobre a construção da hegemonia neoliberal no Brasil dos anos 1990.¹ Mais especificamente, sobre o papel da revista *Veja* nesse processo, elucidando as formas com que essa atuação se construiu e impôs. Parte-se do pressuposto de que a hegemonia é construída no processo histórico em seus conflitos e contradições. Por isso, pensar o neoliberalismo não pode partir da suposição de uma fórmula externa aplicada ao caso brasileiro. Ele foi construído, dentro dos limites e possibilidades de cada momento, se consolidando ao longo da década de 1990, pelos cambiantes sujeitos políticos e econômicos brasileiros. Ademais, não há uma regra das formas de inserção dos diferentes países às formas de organização neoliberais. Cada país conseguiu implantar medidas mais ou menos desreguladoras, liberalizantes e de abertura dos capitais nacionais, de acordo com os limites dos conflitos e contradições próprios das lutas de classe locais. Os meios de comunicação exerceram um papel muito importante na implantação da pedagogia da hegemonia no Brasil dos anos 1990, e esse é o objeto de nossa análise, centrada em uma revista semanal que tem ampla circulação, e é a quarta maior em circulação do mundo, e atinge amplos setores médios aos quais propõe pedagogicamente formas de gerenciar as transformações reformas capitalistas.

A análise mostrará as formas como a ideologia da globalização - que serve para ocultar o neoliberalismo, e por conseqüência, o imperialismo e o capitalismo - foi reproduzida na revista brasileira de maior circulação nacional (4ª maior do mundo), o semanário *Veja*.

Gerenciamento do capital: construindo a “globalização”

A forma com que *Veja* se posicionou em relação à configuração do sistema capitalista nos anos 1990 é um ponto central para compreendermos o seu posicionamento editorial e sua atuação política. O programa que a revista defendeu é o próprio sistema sócio-metabólico do capital. Há nos anos 1990 a consolidação da

* Professora Doutora do Curso de História e do Mestrado em História da Univesidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Brasil. Email: carlalssilva@uol.com.br

¹ O presente texto é parte adaptada de um capítulo da tese e Doutorado: VEJA: o indispensável partido neoliberal. Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2005. 2 vl.

tendência ao maior peso do setor financeiro do capital, nos parâmetros neoliberais, mas tendo que enfrentar também suas contradições.

Analisamos as construções discursivas de *Veja* acerca da “nova ordem”, percebendo que a “*fumaça da globalização*”² serve para desistoricizar o processo, que aparece como inexorável e portador do “moderno”. Existe uma ação sistemática que busca convencer em torno da inevitabilidade e acerto dessa opção.

A revista age também no sentido gerencial, indicando caminhos, mostrando modelos, exaltando a própria ordem do capital: suas personificações, suas empresas. O desemprego é tratado através do “medo da perda do emprego”, para o qual sistematicamente a revista aponta suas receitas; a reestruturação produtiva aparece como uma inevitabilidade, assim como as reformas trabalhistas; a repressão aos trabalhadores é apoiada pela revista.

As medidas defendidas têm que enfrentar também os inevitáveis riscos do sistema (crises, política externa, etc). Por isso *Veja* articula seu discurso apologético com as formas com que propõe o “novo homem”, o “novo trabalhador”, que deve apenas “adaptar-se” às mudanças que aparecem como naturais.

Os porta-vozes do neoliberalismo são privilegiados, com o sentido de gerenciar o capital. A análise busca um amarramento que está em sintonia com a construção política desse processo, reforçando que a construção do consenso se deu na prática e nas suas contradições. Ao longo de toda a década, a cada embate político e revés econômico, há novas reportagens, novas entrevistas, novas busca de convencimento, que se completam com o quadro político em análise, sempre buscando consolidar a visão do capital.

Globalização justificando o programa neoliberal

A “globalização” em *Veja* aparece como um fenômeno natural, mesmo ela sendo fruto de opções tomadas com relação ao sistema econômico e político, tanto em nível local como mundial. Há um duplo movimento: no sentido de reprodução material do capital; no estabelecimento de consenso em torno de tudo que envolva esse processo, buscando destruir, relegar ao esquecimento ou desqualificar toda e qualquer contestação e idéias discordantes. O reordenamento da gestão do capital é uma resposta à queda do padrão de acumulação e reprodução, que passaria a privilegiar o capital rentista, e as conseqüências sociais geram explosivos conflitos e reações. A busca da hegemonia

² Expressão utilizada por Paulo Nogueira Batista Júnior. *A economia como ela é...* São Paulo, Boitempo, 2001.

neoliberal tem a função de superar os limites ao capital. E respalda-se na coerção, posto que a classe trabalhadora será atingida pela recessão proveniente das crises, o que também leva a diversas investidas para dismantelar a organização sindical.

A grande imprensa dos anos 1990, e mais propriamente *Veja*, buscou amenizar, desistoricizar e justificar as mudanças que deveriam ser implementadas em nível político e econômico, sempre em nome da “inexorável globalização”.

Nas páginas de *Veja*, a narração da história objetiva ocultar os conflitos e as contradições, apontando para uma aparência de harmonia em que restaria aos sujeitos históricos se conformarem. Em matéria que objetivou explicar didaticamente “*o que é a globalização, que provoca tanto medo e o que se pode esperar dela*”, a revista diagnosticou o que seria o “fenômeno”. Para isso, rebate os críticos, embora sem nomeá-los e dar-lhes a palavra:

A globalização é uma mudança de intensidade na indústria, no comércio, nas comunicações e nos transportes **que nem deveria estar provocando debate**. Seus primeiros movimentos começaram há décadas e o resultado final era perfeitamente previsível. O que se vê, no entanto, é a elevação de uma onda moral de indignação contra os efeitos da globalização, como se ela resultasse de uma opção ideológica (da direita, no caso) para acumular mais capital à custa do sofrimento dos trabalhadores. Trata-se de uma interpretação **perfeitamente cretina** de um movimento econômico a respeito do qual **não cabe ficar contra ou a favor**, para adotá-lo ou não de acordo com as preferências de cada um.³

Um dos métodos recorrentes de imposição do Pensamento Único é a desqualificação: só os cretinos pensariam de forma diversa. *Veja* não pode negar a existência dos “críticos”, mas não os nomeia, e muito menos lhes dá direito à voz, pois seu objetivo é controlar suas idéias. A revista caracteriza três elementos centrais na globalização, sempre naturalizando-os. O primeiro seria a suposta falência do Estado:

O que se vê hoje é o Estado sem fundos para investir e as corporações com dinheiro saindo pela janela. Imagina-se freqüentemente que a onda de privatização que se espalha pelo mundo seja resultado de uma opção ideológica. Não é. Os governos vendem suas usinas, estradas e serviços porque não têm mais dinheiro para bancar investimentos nessas coisas, e o setor privado tem.⁴

Trata-se da supremacia do grande capital, que impõe como decorrência direta a necessidade de privatização para assegurar divisas a serem repatriadas. *Veja* sugere que o dinheiro está pronto para entrar no país e oculta a massa de saída de recursos, que é o intuito efetivo do tal “capital volátil”, justificando sua posição pela suposta ineficácia do

³ A roda global. *Veja*. Antenor Nascimento Neto. 3/4/1996. Grifos meus.

⁴ Idem.

Estado. A segunda característica seria “a indústria”. As dez maiores corporações teriam mais da metade de seus funcionários em unidades fora do país de origem, “e 61% do seu faturamento é obtido em operações no estrangeiro”. Isso é explicado em função da mão-de-obra mais barata oferecida por esses países periféricos. Em consonância com a necessidade de privatizar, se “no passado, quem fazia as grandes decisões econômicas eram os governos. Agora são as empresas”. Se antes as empresas corriam atrás do governo, agora caberia a este “correr atrás delas”, evidentemente se submetendo a tudo o que elas impusessem. Isso seria feito em nome de uma suposta geração de emprego. Está também oculto o verdadeiro movimento: os governos devem perder sentido para a maioria da população, para ajustar-se a seus verdadeiros patrões. A única política social deve ser a do capital: apela-se então para uma suposta geração de emprego e novamente se oculta a oligopolização, força matriz do processo.

Por fim, o terceiro elemento seria “o consumidor”, que “naturalmente” consome mercadorias produzidas em vários lugares diferentes, “é um produto sem pátria, sem carteira de identidade, sem sotaque identificável”, gerando um “mesmo padrão de consumo, comportamento, aspirações”. Novamente o econômico é visto como um ponto de partida para a “mudança de mentalidade” apontada pelos apologistas neoliberais: “quando se fala em globalização, tende-se a destacar os aspectos da produção de riquezas e do consumo. Isso é apenas o primeiro resultado da mudança. Os processos anteriores de aceleração econômica sempre provocaram alterações em outros setores da atividade humana”.⁵ A economia se autonomiza – ela própria é apresentada como a geradora da riqueza, agindo num vácuo sem homens, numa velocidade incontrolável, com uma lógica à qual só resta obedecer. O que, como e porque se gera essa riqueza, as relações sociais de produção envolvidas estão fora de questão (“não cabe ficar contra ou a favor”). Ao governo compete “fazer sua parte”, “arrumar a casa”, receber essas empresas, que, do início ao fim, expressam o inexorável.

Estamos diante da supremacia absoluta do econômico, apresentado como algo dissociado da sociedade, determinando a história. De acordo com *Veja*: “o processo econômico sempre sofreu suas crises de adaptação, mas as próprias crises sempre produziram soluções”.⁶ *Veja* faz uma leitura da história como derivação do econômico, sendo um fenômeno autônomo, sem sujeitos e conflitos no próprio capitalismo, como se a economia fosse apenas um domínio específico de gráficos e dados estatísticos. Ou

⁵ Idem.

⁶ Idem.

seja, é a imposição do economicismo como forma de pensamento, própria do “pensamento único”.

Qualquer oposição à globalização para *Veja* é apenas um “aborrecimento intelectual”, o que se coaduna com as frases em destaque do ex-ministro da economia (da Ditadura) Delfim Netto, que busca também uma ressignificação histórica:

A globalização é a **revolução do fim do século**. Com ela, a conjuntura social e política das nações passa a ser desimportante na definição de investimentos. **O indivíduo torna-se uma peça** na engrenagem da corporação. Os países **precisam se ajustar** para permanecer **competitivos** numa economia global - e aí não podem ter mais impostos, mais encargos ou mais inflação que os outros. Antônio Delfim Netto.⁷

Além da óbvia reificação do processo produtivo, há uma relevante substituição de expressão e de sentidos. A revolução, que teria “morrido com o comunismo”, resiste a morrer e é projetada, em *Veja*, para o processo econômico. Os Estados Unidos são estrategicamente apresentados como o “coração da economia global” - novamente a economia é mostrada como algo desvinculado da estrutura social - o que levaria enfim ao fim de interesses nacionais: “*observado de seu ângulo histórico, o esforço econômico tendeu para superação das fronteiras*”. Em outro paradoxo, à centralidade dos Estados Unidos se agrega a suposição do fim do Estado (os governos, enfim, devem se dobrar unicamente ao capitalismo) e da nação, com o *american way of life* tornando-se o padrão universal. Mas os paradoxos e inversões não acabam aqui: o internacionalismo dos trabalhadores é travestido agora pela internacionalização do capital. A revista recupera o sentido positivo (profundamente ancorado em diferentes setores sociais) das demandas da esquerda, invertendo-lhe o sentido. Revolução, somente se for do capital e a internacionalização seria triste paródia, traduzindo agora a competição desenfreada dos trabalhadores e não sua união.

Então, a história seria regida por tendências, que viriam “*desde que a primeira aldeia fez o primeiro contato com a aldeia vizinha*”,⁸ como um processo originalmente determinado. Não há alternativa no futuro, nem no passado arbitrariamente recortado por *Veja*. O lugar reservado ao trabalho – o desemprego ou a adaptação – e aos países periféricos é ajustar-se aos imperativos da economia, sem sequer esperar que tais ajustes assegurem melhores condições sociais. Em 1996, o imperativo econômico reinava absoluto em *Veja*, mas trazia poucas promessas:

⁷ Idem.

⁸ A força da aldeia. Roberto Pompeu de Toledo. Idem.

No mundo do trabalho internacionalizado, o que mais há é desemprego. E quem fica à margem desse novo giro do capitalismo está condenado ao **atraso e à miséria**. Mas **quem se adapta** a ele nem por isso se sai bem. Vide o México, que cumpriu à risca a receita ortodoxa para integrar sua economia ao mundo avançado, no contrapé, foi à lona e quebrou.⁹

O clima dessa reportagem é a instauração do medo, todos devem “se adaptar”, senão, o futuro seria ainda mais incerto. A instrumentalização da história se evidencia, pois são totalmente ocultadas as visões da própria revista sobre o caso mexicano quando ele era visto como modelo, quando *Veja* (em 1990) dizia que “*o presidente mexicano está derrotando o dragão do atraso com doses ousadas de liberalismo*”.¹⁰ Interessante que durante a crise mexicana essa versão sobre a “ousadia” é abandonada, retornando quando a crise passou.

Em dezembro de 2000, em alusão ao final do milênio, *Veja* publicou uma edição especial em que dezesseis autores foram convidados para “*analisar o mundo na virada do século*”.¹¹ Entre eles, destacamos Thomas Friedman e Paul Johnson.¹² Friedman, colunista de assuntos internacionais do *New York Times*, foi convidado a responder dez perguntas sobre a globalização. Segundo ele, o homem “*torna-se imediatamente um animal global*”:

Tem de ser assim. Isso é uma ideologia? Isso é uma coisa que eu estou defendendo? Ou será que não passa da **consequência de uma tecnologia** que agora pode conectar todo o mundo ao redor da Terra de modo antes inimaginável? E isso se aplica também a todas as tecnologias que derrubaram os muros em torno do planeta. **A globalização é justamente o resultado da derrubada desses muros.**¹³

Nessa visão é a própria tecnologia (em abstrato, como o capital) dispensando a ação humana. Ela teria o poder de “derrubar muros”, ou seja, o “atraso” - em alusão ao Muro de Berlim / comunismo - ou qualquer outra barreira. Não basta apontar um caminho, tem que colocá-lo como sendo o único possível. Nessa visão, somente nações “atrasadas” como a Síria e o Iraque (porque não têm McDonald’s) não “se integrariam”, o que seria o motivo de alimentarem “guerras tribais” (que justificariam guerras imperialistas?). A isso completa que “*o importante é saber que de agora em diante só*

⁹ Idem. Grifos meus.

¹⁰ Salinas, o arauto da modernidad. *Veja*. Elio Gaspari. 28/2/1990, p. 42.

¹¹ Às portas do século XXI. *Veja*. 100 fatos que marcaram o ano 2000. 27/12/2000.

¹² Entre outros como: Kishore Mahbunani, Domingos Cavallo, Jared Diamond, Henry Petrosky.

¹³ Idem, p. 92. Grifos meus.

existe um caminho a ser seguido, o da camisa-de-força dourada".¹⁴ Mas, ele alertava da persistência de um problema, as "desigualdades sociais": "*se você tem elites que são tão egoístas a ponto de ignorar completamente aqueles que em meu livro eu chamo de 'os que não têm nada', 'não sabem nada', ou 'que foram deixados para trás', cedo ou tarde eles irão atrás de você*".¹⁵ Está claramente exposto o sentido da fala, de que a luta de classes permanece, e que portanto, seria necessário tomar algumas precauções, até porque "*os pobres têm um grande potencial, uma grande capacidade produtiva que está sendo desperdiçada se continuarem à margem do mercado*". Ou seja contra a luta de classes o argumento central era o mercado. Perguntado sobre o risco de totalitarismo dessas idéias, ele remenda com um discurso apologético anticomunista:

O socialismo foi um sistema maravilhoso para fazer todo mundo igualmente pobre. Não existe sistema melhor no mundo para isso. Já o capitalismo **torna as pessoas desigualmente ricas**, ele tem a própria brutalidade, mas é um sistema que pode ser moderado. A resposta não é **retroceder ao socialismo**, mas aprender a **calibrar o capitalismo num mundo global**: seja redistribuindo renda, seja, muito mais importante que isso, promovendo a educação entre os despossuídos. Digamos que eu precisasse emagrecer 10 quilos. Nesse caso, será que o mais inteligente seria eu cortar minha cabeça? **Regredir ao socialismo equivale em inteligência a pedir a uma pessoa em regime que perca 10 quilos e ela decida simplesmente cortar a cabeça.**¹⁶

O principal a reafirmar era a destruição discursiva da possibilidade de alternativas ao capitalismo. Recoloca o tema da história, agora equiparada a velharia, ao que já não existe. O socialismo (ou qualquer contestação do capitalismo) foi maravilhoso (não o era anteriormente), mas acabou (tristeza) e ainda bem, pois socializa a penúria. Argumento semelhante está no outro texto em destaque, de Paul Johnson, aquele que "*despeja regularmente suas críticas demolidoras às esquerdas*", para destacar que "*a humanidade tem capitalismo no sangue*".¹⁷ O capitalismo é apresentado como a própria essência da história, como aparece destacado em um quadro:

É uma pena que se tenha cunhado a palavra 'capitalismo', porque ela é enganadora. O capitalismo não é um sistema sonhado por filósofos, políticos ou economistas e depois posto em prática por decisão de governos. **Trata-se de um evento natural, uma peça orgânica no progresso humano.**¹⁸

¹⁴ Idem. Grifos meus.

¹⁵ Idem. Grifos meus.

¹⁶ Idem, p. 93. Grifos meus.

¹⁷ Paul Johnson. A humanidade tem capitalismo no sangue. *Veja*. 27/12/2000, p. 162.

¹⁸ Idem. Grifos meus.

Associado ao argumento da engrenagem, agora é a própria história, o próprio capitalismo que aparece como um fenômeno, não da história, mas de uma suposta “evolução natural”. A história deixa de ser contraditoriamente construída pelos homens, para tornar-se um fenômeno natural que existiria para além do homem, voltado para o seu “bem”. Em consonância com isso ele argumenta, também em destaque por *Veja*, que:

É impossível apontar qualquer ato do nascente governo americano, na época da fundação dos Estados Unidos e durante muitas décadas, que fomentasse diretamente o capitalismo. O que ele promovia era a **liberdade econômica e política** – e foi a liberdade que propiciou ao capitalismo na América um **parto absolutamente natural**.¹⁹

Não foi por falta de opção que *Veja* trouxe Friedman e Johnson para suas páginas, em edição especial de final de milênio, mas sim em função de sua atuação organizativa e midiática em prol de um modelo concreto de capitalismo, o neoliberal. Essas concepções acerca da globalização são exemplares, pois muitas outras matérias com o mesmo sentido podem ser encontradas na revista.

A revista possui ainda um espaço muito prestigiado na imprensa brasileira que são as Páginas Amarelas. Trata-se de entrevistas publicadas pela revista. A recorrência dessa temática reforça a importância da pauta para a revista e diz respeito a todo o processo histórico vivido. A revista está buscando convencer sobre sua inevitabilidade, sistematicamente, semana após semana.

A seqüência dos entrevistados, os assuntos e seus posicionamentos são sintomáticos de um ponto de vista em comum. A convergência se dá mesmo que existam divergências entre eles, seus focos de ação e suas propostas sejam diferenciados. Na edição de *Veja* todos convergem para um mesmo sentido: a idealização do mundo globalizado, a instalação de uma “nova ordem mundial”, que aponta para a “vitória natural” do capitalismo. Suas intervenções não são apenas apologéticas, mas buscam apontar um caminho concreto, querendo convencer da inevitabilidade de suas idéias, o que levaria a que medidas fossem tomadas para implementá-las.

Trata-se de “vozes autorizadas”, que incluem grandes nomes mundiais como o presidente dos Estados Unidos e dos primeiro-ministros britânico Thatcher e Tony Blair; além deles, há intelectuais de renome mundial, e que têm vínculos orgânicos com vários estados-maiores da dominação. O tema é abordado sob vários enfoques, para

¹⁹ Idem, p. 165. Grifos meus.

alardear a nova conclusão positiva que “o capitalismo deu certo”, “a história continua” e “o futuro será melhor”.

Gerenciando o capital

A expressão globalização está também relacionada ao gerenciamento do capital, onde as mesmas idéias-chaves se repetem, com o sentido da organização. Há uma preocupação em explicar, didaticamente, reiterando caminhos para as reformas que são propostas em termos de política nacional, e que querem configurar alterações no gerenciamento do capital.

Há uma ação sistemática em torno do programa neoliberal e que é complexa, que une falas que possuem um sentido convergente. São interlocutores internacionais que têm uma função pedagógica – devem corroborar, pelo exemplo de sucesso ou, simplesmente através de lições de cunho neocolonial, com o programa proposto pelo grupo Abril.

Há aqui o papel explícito de intelectual coletivo orgânico da globalização financeirizada cumprido por *Veja*. Ela agrupa ao falar, ordena os temas, convoca os depoentes e busca dirigir. A atuação se divide em: a) atitude pedagógica e sistematização da organização: explicações sobre as mudanças em curso; modelos a serem seguidos; exemplos de empresas multinacionais; b) ação política: manifestos e informações sobre projetos em curso buscando a redefinição dos papéis do Estado; c) defesa de cunho ideológico: busca do convencimento; simplificação de “exemplos históricos”; busca de exemplos de empresários bem sucedidos e lições de otimismo. Encontramos o que poderia ser sintetizado como uma “educação continuada” do mundo do capital. Os textos são dirigidos para os gerenciadores, que expõem o caminho obrigatório para a adequação às novas mudanças necessárias à ordem. São economistas, advogados, empresários, assessores diversos sendo entrevistados, alguns dos quais são também citados em várias reportagens da revista. Além disso, essas falas se agregam às dos membros de governos, legisladores, administradores, configurando uma ação conjunta.

Há uma ação sistemática dos agentes que falam em nome da ordem do capital. Em sua maioria são empresários gerenciadores, economistas sobretudo, que apontam para os caminhos a serem seguidos. São reforçadas as idéias-chaves: competição, riscos, necessidade de “mudança de hábitos”, mostrando o contexto no qual o Brasil deve mudar, e reforçando a “ordem”. Há a utilização de expressões recorrentes, girando em torno das práticas neoliberal: competição, especulação, lições de sucesso. E essas falas

não são de quaisquer defensores do capital, mas daqueles que têm um alto poder de inserção e articulação, muitos dos estados maiores mundiais. Elas convergem no sentido da necessidade de que, em nível nacional, se efetivem as mudanças necessárias para a “nova ordem”. Em termos políticos, a defesa dessa organização do capital é vinculada diretamente às mudanças e ao projeto que vinha sendo implementado. Os mesmos gerentes produzem intervenções que dizem respeito diretamente à política nacional e aos entraves à abertura irrestrita.

As falas se constituem verdadeiras intervenções políticas, visando a ação concreta, articulando a idéia da “globalização” e as mudanças necessárias para o mundo empresarial, ou seja, para o capital. Os porta-vozes são experientes na aplicação dessas medidas “custe o que custar”. São portadores da exigência de abertura para os interesses do capital transnacional, definindo as mudanças que o Brasil deve fazer para que o capital tenha livre trânsito no país. As questões centrais são as formas de controle das contas públicas, as privatizações e a abertura total ao capital externo, ou seja, o padrão neoliberal de gestão.

Elas acompanham de perto os processos políticos nacionais, como no exemplo da entrevista do presidente da Fiat, que nas vésperas das eleições presidenciais de 1989 dizia, em nome de “*um dos maiores grupos empresariais europeus*”, que “*para sair da crise o Brasil precisa abrir a economia*”.²⁰ E depois, seguem um sistemático acompanhamento e avaliação do próprio governo Collor, onde se avaliava que “está melhorando”, mas exigindo garantias para o capital externo se instalar, projetando que o Brasil poderia até crescer “mais que os Tigres Asiáticos”, ou seja, sem qualquer visão sobre os previsíveis riscos desse tipo de crescimento. Esse acompanhamento persiste no governo de Itamar Franco, como expresso na fala de Yergin, “*a privatização total ou a abertura do mercado petrolífero brasileiro traria grandes benefícios para o país*”, que busca interferir indiretamente no processo de privatização da Petrobrás. A mesma atitude se repete com relação aos governos de Cardoso, sempre cobrando maior ênfase na desregulamentação e liberalização, ainda que mostrando alguns conflitos internos na forma dessa abertura, mas apontando os avanços dos empresários que “ficaram astutos”. A mensagem que prevalece é o otimismo, o que só seria possível se o país se mantivesse “no rumo”, como vimos ser repetido inúmeras vezes na defesa do governo de Cardoso.

²⁰ Cesare Romiti. É preciso coragem. Páginas Amarelas. *Veja*. 13/12/1989.

Voz ao próprio capital

É sistemático o uso das Páginas Amarelas para dar voz às grandes empresas capitalistas, seus intelectuais e gerenciadores, para combater os entraves ao capital internacional no cenário brasileiro, e defender a idéia de que essa seria também uma solução para os “problemas nacionais”, difundindo a ideologia de que a riqueza e o capital trariam como num passe de mágica a solução para os demais problemas nacionais. As falas são igualmente explícitas quanto ao sentido da abertura econômica indiscriminada, tendo em comum o fato de serem de representantes diretos, proprietários, executivos, presidentes de algumas das maiores empresas transnacionais e que proclamam lições de otimismo para uma vida social em crise.

Os interesses das empresas transnacionais são apresentados como sendo os da própria “nação brasileira”. Essas falas têm como objetivos: valorizar os exemplos de capitalistas bem sucedidos, e repetir que apesar das adversidades (eufemismo para falar da verdadeira barbárie no Brasil, com o aprofundamento das já gritantes desigualdades) há que persistir e seguir na abertura subalternizada de mercados; mostrar os avanços tecnológicos como remédio para todos os males (sem falar dos males que ela gera) e de estimular a reprodução do próprio capital, citando os milhões de dólares acumulados e a reversão ao capital financeiro como medidas certas para o sucesso; mostrar como exigências naturais aquelas necessárias ao capital, como no caso explícito da indústria fonográfica. Com isso, diz estar em sintonia com o “mundo globalizado”, seus padrões de consumo e de organização do trabalho, pois há também o sentido de gerenciamento das novas organizações do trabalho, especialmente da formação dos novos executivos, que esse “novo mundo” enseja.

O corolário disso no Brasil seria a venda das empresas brasileiras para o capital externo, sempre apresentadas como vantajosas. *Veja* busca alertar aos setores recalcitrantes. Conclui que a “burguesia brasileira” seria mais conservadora e estaria deixando de reinvestir seu capital para viver de rendas. Em uma “pesquisa exclusiva”, a revista deu manchete de capa:

Destino dado pelos empresários brasileiros ao dinheiro que ganharam com a venda de suas empresas às multinacionais: 62% depositaram todo o capital no banco, e vivem de juros; 20% viraram “empregados” das companhias que possuíam; 18% abriram uma nova empresa, aplicando apenas 30% do capital que receberam com a venda.²¹

²¹ Capa. *Veja*. 24/5/2000.

Os dados são bastante enfáticos, e ajudam a perceber a dimensão da abertura do capital nacional:

Nos últimos seis anos, 1.100 empresas privadas brasileiras foram compradas por multinacionais. A história do capitalismo registra poucos processos de transferência de controle tão intensos quanto esse, num prazo tão curto houve vendas em 34 setores da economia, entre os quais a agroindústria, alimentação, autopeças, embalagens, eletroeletrônicos, produtos químicos, metalurgia, supermercados, tecelagem. Símbolos da indústria brasileira como a Cofap, a Metal Leve, a Arisco e a Arno passaram a ostentar, respectivamente, bandeira italiana, alemã, americana e francesa. O processo de troca de controle produziu efeitos variados sobre a economia.²²

A principal conseqüência apontada, a partir do direcionamento do capital por parte dos antigos proprietários é que: *“criou-se assim, uma situação paradoxal. O empresário estrangeiro, freqüentemente acusado de rapinar a riqueza pátria, injetou uma quantia gigantesca na economia brasileira para adquirir as fábricas. Já o empresário brasileiro pegou o grosso do dinheiro, depositou no banco e está vivendo de renda”*.²³ Observe-se que não encontramos nenhuma pesquisa da revista que buscasse mostrar as mudanças nas condições de produção que esse capital passou a impor às antigas empresas brasileiras, os lobbies com relação à legislação e à política econômica e as formas de remessas de lucro. Interessa a ela apenas mostrar a “rapinagem”, que ocorreria “ao contrário” do discurso corrente, pelo próprio empresário brasileiro, enquanto o capital estrangeiro seria o que atuaria produtivamente.

Esta apresentação ideológica oculta várias manifestações sociais contrárias à abertura de capital daqueles que a rejeitam como um todo,²⁴ ou dos que criticam a forma ampla com que se deu. Neste campo estariam diversos setores da burguesia brasileira. A revista está respondendo a um problema que ela própria já havia colocado ao falar da *“Chuva de dólares: o Brasil bate recorde em investimento estrangeiro, e os nacionalistas se assustam”*.²⁵ A expressão “nacionalista” adquire cunho negativo dado pela revista como aquilo que se seria contra “a modernidade”:

Os neonacionalistas brasileiros estão à esquerda de Fidel Castro. É uma posição desconfortável. Irracional ou não, fora de época, saudosista ou nostálgica, é inegável que o nacionalismo está flutuando numa maré montante no Brasil neste arvorecer do terceiro milênio. Banqueiros reclamam da internacionalização do sistema financeiro.

²² Está quase tudo a juros no banco. *Veja*. Daniela Pinheiro e Eduardo Oinegue. 24/5/2000, p. 42.

²³ *Idem*, p. 43.

²⁴ É relevante lembrar que neste momento histórico ganhava força a consigna “Fora FHC! Fora FMI!”, assumida por boa parte dos movimentos sociais.

²⁵ Chuva de dólares. *Veja*. 2/2/2000, p. 116.

Industriais levantam a bandeira brasileira contra concorrentes externos que se instalam no país. E também bradam contra a liberação da importação de produtos alienígenas. É um movimento curioso porque é liderado por gente esclarecida, empreendedores capazes, que construíram a potência industrial e financeira é o Brasil do ano 2000.²⁶

Fica explícito que esse projeto por ela defendido não responde aos interesses de todo o capital, mas das parcelas diretamente vinculadas ao capital externo. As reformas trabalhistas e a reconfiguração do trabalho, estas sim atendem ao conjunto da burguesia, o que permite unificá-las sob os padrões de hegemonia mais amplos. Os setores beneficiados com esta política ficam ainda mais visíveis ao percebermos quais são as personificações do capital exaltadas, principalmente dirigentes das grandes corporações multinacionais, que são os principais nomes privilegiados nas páginas amarelas.

Personificando o capital

Para insistir nessa lógica, a revista promove uma personificação do capital, pois

O capital precisa de personificações que façam a mediação (e a imposição) de seus imperativos objetivos como ordens conscientemente executáveis sobre o sujeito real do processo de produção.²⁷

Os grandes capitalistas são expostos por *Veja* como sendo verdadeiros exemplos de pessoas que “deram certo”, “alcançaram o sucesso”. O quadro abaixo mostra alguns desses casos destacados nas capas por *Veja*, o que está em complementação com as demais seções da revista.

QUADRO 1: Exemplos de homens “de sucesso” (em matérias e / ou matérias e capa)

CAPA (quando se refere à reportagem)	REPORTAGEM
O MICREIRO DE 13 BILHÕES DE DOLARES. Aos 39 anos, o gênio dos computadores Bill Gates vira o homem mais rico do mundo.	O HOMEM QUE FICOU RICO VENDENDO IDÉIAS. Embalando imaginação e talento em disquetes, o micreiro Bill Gates junta 13 bilhões de dólares e se torna o maior bilionário do mundo. Eurípedes Alcântara, 12/7/1995
A IMINÊNCIA PARDA DA ECONOMIA. O estilo imperial do comandante do Bradesco, Lázaro Brandão, que aconselha ministros e pode salvar ou quebrar empresários. Exclusivo. O Bradesco anunciará o maior lucro da história da empresa privada no Brasil	O IMPERADOR DO BRADESCO. Quem é Lázaro Brandão, chefe da empresa privada de maior lucro na História do país. David Friedlander. 22/1/1997
	O HOMEM DA VALE. Quem é Benjamin Steinbruch, o empresário que arrematou a superestatal brasileira. David Friedlander e Virginie Leite. 14/5/1997
	SALÁRIOS DE 1 MILHÃO. O Brasil já tem um time de executivos que recebem contracheques milionários. Leonardo Loyola. 9/6/1999
	A SAGA BILIONÁRIA DOS SAFRA. Doente, Edmond Safra, o megabanqueiro naturalizado brasileiro, vende seu império. Eliana Simonetti, 19/5/1999
	FINAL TRÁGICO. Um dos maiores banqueiros do mundo, Edmond Safra morre asfixiado num assalto. Eliana Simonetti,

²⁶ Idem, p. 118.

²⁷ MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp, 2002. p. 126.

	8/12/1999
LIÇÕES DE VIDA DO EMPRESÁRIO MAIS BEM-SUCEDIDO DO MUNDO. Chega ao Brasil a autobiografia de Jack Welch, o executivo do século. O mais esperado livro de negócios da história é um manual do sucesso pessoal e profissional. Tarjeta: Exclusivo. Jack Welch fala a VEJA	O CAPITAL SEGUNDO JACK. O mais influente líder empresarial do século XX lança sua autobiografia, um manual de sobrevivência na selva do capitalismo escrito por seu mais feroz competidor. Eurípedes Alcântara. 12/9/2001.

FONTE: Capas e reportagens de *Veja*. Reprodução de textos da revista.

A trajetória desses “homens de sucesso” mostra um cinismo peculiar: “*sou um homem de negócios apenas 10% do tempo. Não colocaria essa qualificação no meu cartão de visitas*”,²⁸ é uma das frases de destaque de Bill Gates. Este é um espaço também para a fetichização dos processos produtivos. Há um quadro que explica o “*valor da idéia*”, e o “*valor da matéria*” apresentando a “*gramática quase humana*” que transforma a idéia na venda de um produto. Na narração desse processo cujo único sujeito atuante identificável é a Microsoft, o trabalhador é substituído pela empresa:

1. Petróleo e minérios de ferro são extraídos; 2. O petróleo é refinado e o minério de ferro passa por um processo de concentração e purificação; 3. Do petróleo extrai-se o benzeno e do minério vêm o aço e uma substância oxidável que... 4. Servirão de matéria-prima para os disquetes. Com derivados do petróleo fabricam-se as partes plásticas do disquete, com aço são feitas as partes móveis e com a substância oxidável, a superfície de gravação; 5. A Microsoft grava em quinze disquetes os milhões de linhas do código do programa Windows 95; 6. Os disquetes são montados, embalados e despachados para as lojas; 7. São necessários 19,5 dólares para fabricar os quinze disquetes em que stá gravado o conteúdo do programa Windows 95.²⁹

Tudo é ordenado para convencer que o preço é muito baixo, depois de tanta transformação que a matéria sofreu. Todo o processo de produção aparece quase autônomo: extrai-se, refina-se, servem, são feitas... de fato, o único sujeito nomeado é “a empresa”, como se ela sim, “gravasse” e possibilitasse a maravilha tecnológica aos seres humanos que, por “tão pouco”, poderiam adquiri-la. Exatamente a suposta perda da base material da produção que a revista quer ressaltar, mostrando uma produção sem sujeito, como se isso fosse possível, o que é mais uma forma de mostrar esas “leis” como naturais. Há um tom de otimismo, que pode ser visto também na fusão entre a AOL e a Time Warner, “*o maior negócio da história do capitalismo*”,³⁰ trazendo a idéia

²⁸ O homem que ficou rico vendendo idéias. *Veja*. Eurípedes Alcântara. 12/7/1995, p. 86.

²⁹ Idem, p. 90-91. Para uma visão crítica das relações de trabalho na Microsoft ver: KLEIN, Naomi. *Sem logo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003. A autora mostra que a maior parte do trabalho na empresa se sustenta em trabalhadores temporários e terceirizado, em situações precárias, que não têm os mesmos direitos trabalhistas que os efetivos “produtores de idéias” da empresa. Cap. 10: Ameaças e trabalho temporário: do trabalho a troco de nada à “nação do agente livre”.

³⁰ O mouse que ruge. *Veja*. Ricardo Galuppo. 19/1/2000, p. 98.

de que esses negócios vão sempre crescendo, ultrapassando sempre seus próprios limites. E agora traz o que seria um darwinismo: “*pela escala biológica da selva do capitalismo, o comprador deveria ter sido a quase centenária Time Warner*”, mas “*o mouse que ruga da nova economia engoliu o leão da economia tradicional e antecipou o futuro*”.³¹ Tudo é disposto de forma a confirmar a tese da globalização, como se a realidade passasse a se conformar com tal teoria:

Junto com a internet, estaria sendo **criado também um modo de produção e de distribuição de riqueza completamente distinto das formas de fazer dinheiro conhecidas e aperfeiçoadas pela humanidade no decorrer do século que terminou**. Tinha-se a base teórica e uma série de evidências aqui e ali, inclusive um número crescente de negociações em torno da rede. Havia uma sensação no ar de que algo muito sério estava ocorrendo nas engrenagens planetárias. O que faltava era um irrefutável exemplo material, um acontecimento que pudesse ser encarado como um divisor de águas entre o velho e o novo.³²

Assim, a realidade passa a ser definida a partir de um exemplo. Nesse universo das corporações, estaríamos portanto diante de um “novo mundo”, e sem sujeitos. As “engrenagens do planeta” seriam movidas por essas forças, e não mais por seres humanos, por lutas sociais ou por conflitos de classe. Este tema envolve os interesses diretos do grupo Abril, que usa fibras óticas para a transmissão de internet a cabo pelo seu provedor Ajato, e também por associação com o Grupo Folha, na manutenção do provedor de acesso UOL.³³

Também relevante é a reportagem sobre Jack Welch, propaganda explícita de sua biografia lançada no Brasil (portadora de muitas “lições”). Segundo a narração, ninguém poderia escapar dele:

Quem não gosta de computador pode muito bem viver sem nunca colocar as mãos em um produto da Microsoft de Bill Gates. Para aqueles que não tomam refrigerante, Coca Cola pode ser apenas um rótulo onipresente mas distante. Do império Disney fogem as pessoas indiferentes aos orelhões do Mickey. Os carros europeus, japoneses e coreanos há tempos vendem mais que os americanos da Ford e da General Motors. Ninguém escapa, porém, de Jack Welch e sua General Elctric, reiventada por ele, são atualmente os símbolos mais acabados da força do capitalismo e da supremacia do estilo de vida americano no planeta.³⁴

Reitera-se, mais uma vez, todos os preceitos do sistema do capital. Para *Veja*, não há como escapar dele, não há para onde fugir: “*quem quer que acenda uma*

³¹ Idem, p. 99.

³² Idem, p. 100. Grifos meus.

³³ Dados da própria reportagem, p. 100 e 101.

³⁴ O capital segundo Jack. *Veja*. Eurípedes Alcântara. 12/9/2001, p. 111.

lâmpada, faça uma ligação telefônica, coloque uma garrafa de vinho branco na geladeira, ligue a televisão, viaje de avião a jato ou precise fazer um raio X de um osso terá interagido com um produto GE".³⁵ Este homem, visto como "um em um milhão", é mostrado como um exemplo a ser seguido. E a explicação para a sua singularidade estaria no fato simples de que ele "*entendeu a alma humana*".³⁶ Portanto, se colocaria acima de todos os ensinamentos gerenciais, ele teria o dom de conhecer, de fato, o que seria a "essência humana". E esta, como mostrou a citação acima, estaria inevitavelmente vinculada ao consumo e às corporações. Mais que isso, como num "supermercado que vende palavras", a capa, a matéria e uma entrevista, há quadros que destacam as idéias do capitalista:

"O erro é do jogo. Trágico é não tentar".³⁷

"Sinceramente, o Brasil e a América Latina estão marcando passo. Outras regiões são muito mais dinâmicas".³⁸

"Mudanças não ocorrem simplesmente com slogans e discursos. Elas só acontecem quando se colocam as pessoas certas nos lugares certos".³⁹

"Gerenciar pessoas é garantir que ninguém tem a segurança de ficar no topo para sempre. Todos devem conquistar continuamente seu lugar ao sol e demonstrar a toda hora que fazem jus à posição".⁴⁰

Essas frases de efeito costumam um sentido claro: lições sobre como gerenciar o capital à luz dos "novos tempos". Corroboram para a consolidação das grandes corporações, em sintonia com a posição de *Veja*. Uma das justificativas para as privatizações de empresas públicas brasileiras sempre foi a crítica ao seu poder de monopólio, ilustrado pelo caso da Petrobras. A formação de verdadeiros oligopólios por parte do grande capital, no entanto, é vista como o único caminho possível, elogiando sobretudo as suas personificações, ligadas ao grande capital, à informática, ao capital bancário e financeiro, à indústria do aço e do entretenimento.

³⁵ Idem. Cuidadosamente, o autor "esqueceu" de se referir aos mortos nas guerras do século XX, vítimas de armas que também usam da tecnologia GE, como aponta, por exemplo: KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, EDUSC, 2001.

³⁶ O capital segundo... p. 114.

³⁷ Idem, p. 118. Para além da apologia, os modelos são circunstanciais. Quando a crise das bolsas atinge em cheio as grandes corporações em 2002, Jack Welch é citado pela revista como um exemplo que já precisaria mudar: "*o culto à personalidade do líder empresarial acabou. As decisões tendem a ser colegiadas e transparentes*". O império está nu. *Veja*. Eurípedes Alcântara e Raul Juste Lores. 31/2002, p. 91.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem, p. 116.

⁴⁰ Idem, p. 117.

Esse texto é parte de uma pesquisa mais ampla sobre o papel dos meios de comunicação no processo histórico. Os jornais e revistas podem ser tomados como fonte de pesquisa, mas devem também ser problematizados como objeto de investigação. Isso porque eles acabam agindo como efetivos sujeitos históricos, pois são aparelhos privados de hegemonia, partidos efetivos como aponta a reflexão de Gramsci.⁴¹ Seus diretores, organizadores intelectuais, selecionam quais são os porta-vozes de seus projetos e a eles lhe dão voz, rosto, imagem e ação. Constroem uma ação política concreta.

Aqui tratamos da questão da globalização, uma ideologia que foi utilizada de modo incisivo ao longo dos anos 1990 para naturalizar a implementação de práticas neoliberais no Brasil. Os textos em questão têm como alvo um público culto, com formação superior. Não são os trabalhadores-operários, mas sim os gerentes do capital. Esse é o alvo da revista *Veja*, pois eles também precisam aprender. A dominação não é um processo natural nem homogêneo. É parte da função dos aparelhos de hegemonia educar seus dirigentes para conseguir seguir apontando a direção da história. Claro que isso tem outro lado, a desconstrução da contra-hegemonia sobre o qual não trataremos aqui.

⁴¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, vl.2. Sistematizamos essa discussão em: SILVA, Carla. *Veja: mais um partido neoliberal. História & luta de classes: Comunicação, cultura e linguagem*. Fevereiro de 2006. (p.73-82).